

QUESTÕES POLÊMICAS SOBRE COMPORTAMENTO VERBAL.

Justificativa: Skinner (1957) define comportamento verbal como um tipo específico de comportamento operante que atua sobre o meio ambiente somente através da mediação de outros indivíduos que foram especificamente ensinados pela comunidade verbal para fornecer consequências. A análise skinneriana sobre comportamento verbal está baseada na contingência de três termos (estímulo discriminativo, resposta e reforço) e cada relação verbal, dentro da taxonomia proposta por Skinner, tem a forma de uma correspondência particular entre estímulo discriminativo e resposta ou entre resposta e reforço. Na principal crítica ao Comportamento Verbal, Chomsky (1959) defendeu que Skinner não oferece uma explicação satisfatória sobre como um comportamento novo emerge sem reforçamento direto, o que estaria relacionado a questão da geratividade da linguagem. Mais recentemente, Horne e Lowe (1996) afirmaram que o papel preciso do reforçamento no aprendizado humano da linguagem ainda não foi demonstrado experimentalmente e que, mesmo entre analistas do comportamento, as considerações de Skinner têm atraído críticas por conta de sua falha em fornecer uma definição satisfatória de comportamento verbal. Considerando que o fator distintivo do comportamento verbal em relação ao comportamento em geral seja a mediação de suas consequências pelo ouvinte, parece que um estudo detalhado da origem e manutenção desse comportamento de ouvinte seja necessário à teoria. Outros autores (Catania, 1992; Dugdale & Lowe, 1990) ainda afirmam que classes de estímulos equivalentes definem comportamento simbólico e que o paradigma da equivalência de estímulos (Sidman & Tailby, 1982) fornece a base para uma análise experimental do comportamento simbólico. Diante de tantas questões teórico-conceituais ainda em aberto, propõe-se um debate entre três vertentes críticas da proposição skinneriana de comportamento verbal: a crítica chomskyana, a teoria da nomeação e o paradigma de equivalência de estímulos. Para apresentar esses temas, pesquisadores com extenso currículo nas áreas de comportamento verbal e comportamento simbólico foram convidados para discutir cada uma das vertentes críticas à teoria skinneriana de comportamento verbal. Primeiramente, a Dra. Marleen Adema, da Bangor University (Reino Unido), doutora em comportamento verbal, apresentará as críticas de Chomsky ao livro Comportamento Verbal de Skinner e os desenvolvimentos atuais em pesquisa e aplicação das tecnologias comportamentais para o ensino de linguagem. Depois, os Profs. Dr. Nassim Elias e Dra. Ana Arantes, da Universidade Federal de São Carlos, farão, respectivamente, uma revisão dos pontos fortes e fracos da pesquisa experimental em equivalência de estímulos, apresentando o tratamento dado à questão do ponto de vista da teoria do controle conjunto; e um delineamento da evolução do conceito de nomeação através dos estudos experimentais de Horne, Lowe e colaboradores, apontando a pertinência ou não das críticas feitas por teóricos de outras abordagens e discutindo uma nova proposta para a definição de comportamento de ouvinte.

AEC - Análise Experimental do Comportamento

TEORIA DA NOMEAÇÃO: EVOLUÇÃO EXPERIMENTAL DO CONCEITO DE NOMEAÇÃO E UMA PROPOSTA DE DEFINIÇÃO DE COMPORTAMENTO DE OUVINTE. *Ana Karina Leme Arantes e Celso Goyos (Departamento de Psicologia, Laboratório de Aprendizagem Humana, Multimídia Interativa e Ensino Informatizado – LAHMIIEI, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP)*

A Teoria da Nomeação tem como ponto central o papel do indivíduo como ouvinte e falante sob a mesma pele, enfatizando o comportamento de ouvinte como precursor do comportamento de falante e essencial para o desenvolvimento do comportamento simbólico. A relação de nomeação é a unidade básica da linguagem, definida por uma relação bidirecional entre os comportamentos de ouvinte e de falante. Como operante de ordem superior, ou seja, uma classe operante que contém outras classes operantes, a nomeação tem implicações profundas no desenvolvimento de comportamentos novos e não ensinados diretamente. Uma vez estabelecida como um operante de ordem superior, a nomeação possibilita a expansão do vocabulário pela introdução de novas palavras em determinadas relações funcionais, como o tato. O conceito de nomeação foi inicialmente proposto por Pauline Horne e Fergus Lowe em 1996, seguido de um extenso programa experimental que pretendeu comprovar que o desenvolvimento de relações bidirecionais entre uma resposta verbal e uma classe de objetos ou eventos - como postulado pela Teoria da Nomeação - pode estabelecer e manter mais de um nível de equivalência funcional e tem implicações profundas no estabelecimento de comportamentos novos. Publicados entre 2000 e 2007, esta série de estudos verificou o desenvolvimento da relação de nomeação em crianças pequenas e como a nomeação se relaciona com a formação de categorias e classes de estímulos equivalentes. Os resultados desses estudos mostraram que uma vez treinado o responder como falante e como ouvinte na presença de alguns estímulos, esses repertórios passam a fazer parte de uma classe operante de ordem superior que permite a emergência de uma dessas relações (por exemplo, de ouvinte) após o treino da outra (por exemplo, de falante), e que novos estímulos podem tornar-se relacionados (ou equivalentes) através do treino de nomes comuns. Críticos da Teoria da Nomeação têm apontado que os fenômenos descritos pelos autores não podem ser medidos diretamente e que a mediação das relações de nomeação não seria necessária para o estabelecimento de relações emergentes e de classes de equivalência. Outros autores apontam, ainda, que a Teoria da Nomeação apresenta um retrocesso para uma explicação comportamental da linguagem, já que reintroduz a noção de referência na explicação do comportamento simbólico. O presente estudo pretende delinear a evolução do conceito de nomeação através dos estudos experimentais de Horne, Lowe e colaboradores, apontando a pertinência ou não das críticas feitas por teóricos de outras abordagens. Considerando que o fator distintivo do comportamento verbal em relação ao comportamento em geral é a mediação de suas consequências pelo comportamento do ouvinte, parece que um estudo detalhado da origem e manutenção desse comportamento seja necessário tanto à teoria skinneriana quanto à Teoria da Nomeação. Assim, outro objetivo deste trabalho é apresentar critérios para a definição do comportamento de ouvinte como comportamento verbal e usar os conceitos apresentados na Teoria da Nomeação para fortalecer a noção de “ouvir com compreensão”.

Apoio financeiro: Bolsa de Pós-doutorado PNPD-Institucional CAPES/UFSCar

Palavras chave: comportamento simbólico, nomeação, ouvinte

Pós-Doutorado - PD

AEC - Análise Experimental do Comportamento

ADDRESSING SOME OF CHOMSKY'S CRITICAL COMMENTS. *Marleen Therèse Adema* (Bangor University, Wales, UK)

Skinner's (1957) book *Verbal Behavior* received many favorable reviews... and then there was Chomsky's (1959), a long and rhetorical review, and a straight-forward rejection of the book. Chomsky's (1959, 1965) main points of criticism regarding the behavioral approach: 1) it is too simplistic to explain the complexity of language learning, 2) it cannot explain the generativity observed in language learning, and 3) a child's language environment is so chaotic ('poverty of the stimulus') that a language acquisition device is needed. Chomsky's review is still considered by many cognitive scientists as fatal for Skinner work, or even for behavior analysis as a whole. But Chomsky's criticism was not the final blow for Skinner or behavior analysis. It did, however, lead to the exploration of new directions within behavior analysis and in particular the field of verbal behavior: stimulus equivalence theory (Sidman, 1971; 1994), relational frame theory (Hayes et al., 1991), and the naming account (Horne & Lowe, 1996). Since the publication of Chomsky's review, much work has been done in these and other areas of the experimental analysis of behavior and applied behavior analysis, directly or indirectly addressing the criticism Chomsky formulated in his review and elsewhere. While building on Skinner's work, behavior analysts have provided more sophisticated and complex accounts of verbal behavior, its learning process and the environment in which this takes place. We have shown that our accounts do not require reinforcement for each element of a child's verbal repertoire to be established. That is, some elements of the repertoire emerge without explicit training. Revisiting Chomsky's criticism now, we can ask: have we made enough progress? There are many misunderstandings around our approach that need to be corrected, and many linguists and cognitivists to be won over. And there are still issues to be resolved. For example, we have not solved the puzzle of grammar yet, nor have we provided a complete answer to Chomsky's review, despite MacCorquodale's (1969, 1970) and Richelle's (1976) best efforts, and other contributions since. But unlike Chomsky's and other approaches, Skinner's account of verbal behavior and the accounts building on it have proven to be very useful in applied work, such as work with children with autism. Behavior analysis has provided procedures for shaping verbal and other behaviour, thus building up verbal and other repertoires, and making a difference to many lives. Our functional approach is effective. Perhaps that is our answer to Chomsky's review.

Palavras chave: Skinner, Chomsky, verbal behavior

Pesquisador - P

Experimental do Comportamento

A EMERGÊNCIA DE RELAÇÕES DE FALANTE EM ESTUDOS DE EQUIVALÊNCIA DE ESTÍMULOS: UMA EXPLICAÇÃO BASEADA NAS TEORIAS DA NOMEAÇÃO E DO CONTROLE CONJUNTO. *Nassim Chamel Elias*

e Celso Goyos (Departamento de Psicologia, Laboratório de Aprendizagem Humana, Multimídia Interativa e Ensino Informatizado – LAHMIIEI, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP)

Uma série de estudos têm demonstrado que o paradigma de equivalência de estímulos de Sidman e colegas representa uma forma eficiente de ensinar linguagem a indivíduos com desenvolvimento típico ou com atraso de linguagem e deficiência intelectual. A equivalência de estímulos pode ser experimentalmente demonstrada através de tentativas de escolha de acordo com o modelo (MTS, do inglês matching-to-sample), em que um indivíduo, depois de ter sido ensinado relações entre os membros de três conjuntos de estímulos em uma direção (ou seja, seleciona B na presença de A e C na presença de B), irá selecionar A na presença de B e B na presença de C (relações de simetria) e C na presença de A e A na presença de C (relações de transitividade), sem ensino adicional, e também irá selecionar qualquer estímulo na presença de um estímulo igual (isto é, A na presença de A, B na presença de B, etc.) Como um exemplo prático, depois de ser reforçado por selecionar a imagem de um gato e a palavra impressa gato, entre outros estímulos, ao ouvir a palavra falada /gato/ (comportamento de ouvinte), a equivalência de estímulos é demonstrada quando o indivíduo seleciona a palavra impressa gato na presença da imagem de um gato e vice-versa. Este ensino também pode produzir dizer /gato/ na presença de ambos, a imagem de um gato e a palavra impressa gato, embora este repertório emergente de falante não seja necessariamente previsto pela interpretação proposta pelo paradigma de equivalência de estímulos. De acordo com a Teoria do Controle Conjunto de Lowenkron, em tentativas de MTS, um determinado estímulo modelo verbal evoca uma determinada resposta verbal (ecoica) que se repete (auto-ecoica), e, então, esta última resposta entra em controle conjunto com apenas um dos estímulos de comparação, aquele que evoca a mesma topografia de resposta verbal (tato) sendo repetida. Esta mediação verbal é dada pela correspondência entre dois operantes verbais distintos, mas relacionados topograficamente, tipicamente um ecóico e um tato. Nesse caso, quando a seleção de um estímulo de comparação é reforçada, é possível que as respostas ecóica e de tato também sejam reforçadas, possibilitando a emergência das respostas de falante. Na mesma linha, de acordo com a Teoria da Nomeação de Horne e Lowe, uma vez que o indivíduo tenha aprendido várias relações de ouvinte e de falante separadamente, o ensino de relações de ouvinte pode ser suficiente para a emergência de relações de falante.

Apoio financeiro: Bolsa de Pós-doutorado PNPd-Institucional CAPES/UFSCar

Palavras chave: equivalência de estímulos, controle conjunto, nomeação

Pesquisador - P

AEC - Análise Experimental do Comportamento